



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## FORMAS DE RESISTÊNCIA: A DIALÉTICA DA FUGA E DA PALAVRA NA OBRA *A MULHER FOGE*, DE DAVID GROSSMAN

Karla Louise de Almeida Petel (USP)

### Resumo

O romance *A mulher foge*, do autor contemporâneo israelense David Grossman, publicado originalmente em 2006 e considerado por alguns críticos literários o texto mais anti-guerra do país, narra a história de Orah e seu filho Ofer. Orah é uma mulher de cinquenta anos que, por temer receber uma má notícia sobre seu filho, alistado no exército, decide fugir. Ela viaja com Avram, seu amor de juventude e, por acaso, pai de Ofer, a quem conta tudo sobre a vida do rapaz, desde seu nascimento até o ingresso nas forças armadas.

Enquanto Orah parte por tempo indeterminado com Avram, a narrativa da vida em família também é estratégia da qual ela se vale para insuflar cada vez mais fôlego a Ofer. Dessa forma, o próprio filho pode não estar presente, mas a palavra sobre ele é capaz de preencher sua ausência, fazendo com que de algum modo esteja a salvo. Na visão da mãe, narrar é um recurso de que dispõe para assegurar a sobrevivência do filho.

O presente trabalho propõe, portanto, uma reflexão sobre a dialética da fuga e da palavra como formas de resistência adotadas pela personagem principal da narrativa. Através de um olhar analítico-interpretativo, objetiva-se pensar o movimento de partida da mãe não como puro escapismo, no sentido de evitar o confronto com a realidade devastadora, mas sim como modo inequívoco de resistir. É ainda objeto de estudo desta pesquisa o papel da linguagem, que através da palavra falada, também não se configura como mera substituição da presença física do filho, mas sim enquanto *animus*, ou seja, enquanto força geradora de vida.

A pesquisa busca ainda pensar a relevância de uma personagem feminina para o desenvolvimento da narrativa. Sua condição dilacerante proporcionará uma reflexão sobre a dura realidade de viver em um país em intermitente estado de guerra.

Palavras-chave: Literatura israelense. Conflito israelo-palestino. David Grossman.

No ano de 2006, David Grossman estava na última fase de escrita da sua mais importante obra sobre o conflito israelo-palestino, considerada pela crítica literária israelense a mais anti-guerra do país: *Ishá borahat mibessorá*<sup>1</sup>. No idioma original – o

---

<sup>1</sup> Literalmente “A mulher foge da notícia” e publicado no Brasil como “A mulher foge”.

hebraico –, o título do romance contém a palavra *bessorá*, que significa literalmente “anunciação” e evoca ainda a conotação de “profecia”, além de também ser utilizada para designar especificamente a chegada do Messias, em contexto religioso. Desse modo, de antemão já fica estabelecido entre o título e o texto em si, um flagrante contraste: enquanto no âmbito religioso a palavra *bessorá* se refere à vinda do Messias, no romance de David Grossman está prestes a anunciar uma partida.

O romance nos conta a história de Orah, uma mulher de quase cinquenta anos que, por temer receber a notícia da morte do filho – que está no serviço militar de Israel – foge para o norte do país com Avram, seu atual amigo, antigo amor e pai de Ofer.

Orah, divorciada e sozinha, é mãe de dois jovens que serviram ao Exército por três anos. O mais velho já deu baixa no serviço, mas o mais novo ainda está trabalhando, pois decidiu estender seu período de alistamento em mais um mês para participar de uma última missão, mesmo após ter sido oficialmente dispensado. Ela não aguenta mais ficar em casa, já que todos os dias tem que lidar com a possibilidade de receber, a qualquer instante, a notícia que irá lhe tirar seu filho. A mulher foge, mas é na fuga, que em princípio seria evidência de sua condição de fraqueza, que revela sua força.

A figura de Ofer agrega em si diversas características muito emblemáticas do jovem israelense da atualidade, sendo muito apaixonado por seu país e disposto a correr todo tipo de risco pelo bem da nação. De acordo com Krausz (2010),

(...) Ofer, ao que parece, é um herdeiro daquele *ethos* guerreiro dos antigos gregos que, de maneira implícita, está presente na figura mítica do soldado israelense, criada pela ideologia sionista nos primórdios do Estado, e profundamente inspirada pelo romantismo europeu. Trata-se de um herói guerreiro que, ao mesmo tempo, é alguém que jamais transpõe os limites de uma ética profundamente judaica. Esta imagem do ‘bom soldado’ é uma das imagens centrais do imaginário israelense, sobretudo à época que antecede a criação do Estado, e é um dos modelos identitários das ondas migratórias em direção a Israel nas primeiras décadas do século 20.

Esse modelo romântico, porém, em nada corresponde à realidade da guerra retratada por Grossman, onde a sordidez e a violência imperam nas relações dentro da hierarquia militar, onde a desumanidade perpassa todos os aspectos do relacionamento entre comandantes e seus subalternos, e onde os mais poderosos são sempre os mais brutais e inescrupulosos. (KRAUSZ, 2010).

A obra de Grossman registra, portanto, o contraste entre o ideal de guerra e de soldado corajoso; e a realidade angustiante do ambiente no qual os jovens militares estão inseridos. Indo de encontro ao imaginário de heroísmo israelense, Grossman fala sobre um mundo dilacerado pela guerra, onde morrer pelo seu país não é glorioso e, menos ainda, uma causa nobre. O autor traz à tona o alto preço que se paga por querer estar constantemente em guerra, com seus supostos heróis morrendo em nome de causas patriotas que julgam justas, mas, na realidade, dando suas vidas por motivos ilusórios, pelos quais se perde muito mais.

É por causa da decisão de Ofer de se oferecer para lutar uma última vez por Israel que Orah empreende fuga com Avram. Durante sua viagem, a mulher aproveita para apresentar – através de histórias – seu filho ao pai, que não o conhece bem, pois o garoto fora criado por Ilan, seu ex-marido. Orah conta a vida de Ofer desde o dia do seu nascimento até o momento em que ele se alistou no Exército. Entremeando episódios do seu dia a dia em família às reflexões sobre a situação geopolítica do Estado de Israel, Orah vai construindo sua narrativa.

De certa forma, Orah acredita que quando conta “com palavras” como era a vida de ambos, ela faz não só com que o pai se aproxime do filho, como também insufla um pouco de vida ao próprio Ofer. Suas histórias garantem a sobrevivência do jovem, que está longe dela. Com isso, ela acredita poder livrá-lo da morte e trazê-lo para perto de si, onde será protegido de todo mal. Assim, usar “apenas palavras” para contar sobre seu filho é também, em certa medida, fazer algo para tentar reverter o que parece estar tragicamente anunciado. A linguagem, portanto, assume aqui o papel de *animus*, ou seja, se configura como energia potencialmente geradora de vida, funcionando como uma verdadeira senha que garante passagem para uma nova experiência de recriação.

Orah tem forte intuição de que Ofer será ferido ou morto em guerra. A mãe decide partir, uma vez que para ela são necessárias duas pessoas para que uma má notícia se concretize: uma pessoa para dar e outra para receber. Devido a isso, ela tem convicção de que não vai ser a pessoa que está disponível para recebê-la.

Somada ao medo da notícia que está por vir, está também a aflição de ter sido por suas próprias mãos que Ofer foi levado à última operação militar. Foi ela quem

acompanhou o filho ao alistamento. Sobre esse dilema de Orah, Nancy Rozenchan sintetiza:

Orah [...] é mãe de dois filhos, que combinou viajar com o mais novo deles pela Galileia quando ele desse baixa no exército. Ao invés, ela o conduz a um posto do exército estabelecido devido aos atentados, de onde ele sairá para uma última missão. O grande medo de Orah é receber uma má notícia sobre o filho; soma-se a dor de ter sido ela própria aquela que o conduziu para a missão; ela não se conforma de ter obedecido a tudo, a eles, àqueles que o enviaram para lá. Na prática, é ela que leva o filho para a batalha, a “akedá”, a condução ao sacrifício ao estilo do Isaque Bíblico. (ROZENCHAN, 2011, p. 37).

É a tristeza de que o filho pode estar caminhando para a morte, levado por ela mesma, que vai consumindo seus dias. A angústia pela possibilidade de o filho não retornar vai fazer com que a mulher se recuse a ficar em casa para ter a confirmação do falecimento. Em sua longa viagem por Israel, Orah tem a sensação de que se não voltar para casa, ajudará o jovem a sobreviver aos conflitos. Entretanto, apesar de tentar dar fôlego à sua esperança, Orah se dá conta de que está em uma condição irreversível de exílio, pois, ser israelense é viver em intermitente estado de guerra. Salta aos olhos então que os protagonistas de Grossman lutam para viver sua humanidade em um contexto considerado inescapavelmente desumano.

Sobre sua motivação para a viagem que tem data de partida, mas não de chegada; que tem local de saída, mas não rumo certo, vale destacar um dos episódios no qual Orah tem um pesadelo sobre a chegada de três oficiais do Exército de Israel que vão até sua casa para lhe dar a tão temida notícia:

E Orah, apesar de tudo, aparentemente conseguiu adormecer, pois ao amanhecer foi despertada por três homens com fardas do exército parados na pequena clareira diante de sua porta. (...)

Orah viu os três se apurando e se incentivando mutuamente. O mais velho ergueu a mão e hesitou por um instante, e ela, hipnotizada, olhou para sua mão fechada, ocorrendo-lhe que esse momento se prolongaria pela vida inteira. Então, ele bate na porta, dá três batidas fortes, e fica olhando para a ponta de suas botas, e enquanto esperava a porta se abrir, fica ensaiando silenciosamente o texto da notícia, a saber: *em tal-e-tal hora, em tal-e-tal lugar, o seu filho Ofer, que estava em missão numa operação* –

(...) Finalmente Orah conseguiu mover os pés procurando se colocar sentada dentro do *sleeping bag*. Estava banhada em suor frio, os olhos fechados, as mãos rígidas, e tinha a impressão de que não conseguiria

mais movê-las. O oficial mais velho deu outras três batidas e, talvez por não desejar fazê-lo, acabou batendo forte demais; momentaneamente parece querer derrubar a porta e entrar à força com a notícia, mas a porta está fechada e ninguém abre para querer receber a notícia que ele tem para dar, e ele olha desapontado para o documento que tem em mãos, que diz explicitamente que em tal-e-tal hora, em tal-e-tal lugar, o seu filho Ofer, que estava em missão numa operação –.

(...)

Com um grito abafado, Orah irrompe do maldito *sleeping* e sai da barraca em corrida desabalada, parando do lado de fora zonza e com expressão aterrorizada. (GROSSMAN, 2011, p. 158; 160, grifos do autor).

O fragmento acima trata do momento em que Orah projeta, no sonho, o que teme que aconteça na realidade. E também no sonho ela não está em casa para receber a notícia sobre a morte de Ofer, o que faz com que então de fato haja uma possibilidade de salvar seu filho. Fisicamente, Orah parece estar em um estágio intermediário do sono, prestes a despertar. Um dos oficiais ensaia como noticiá-la do fato e diz seu texto pronto, já conhecido por inúmeras famílias em caso de perda de um de seus filhos em combate militar. Aqui, estamos diante de uma palavra burocrática, ensaiada e sem nenhuma conexão aparente com a palavra sensivelmente fluida e espontânea, narrada por Orah ao pai de seu filho.

Ao longo da narrativa, é possível observar que o texto pronto da notícia, composto também por uma lacuna significativa (que é o momento da suspensão do anúncio de morte), se repete mais algumas vezes na imaginação e nos sonhos da mãe. É como se ela tivesse certa convicção do que ouvirá dos oficiais, sendo o momento de receber só uma questão de tempo. No sonho, o texto está prestes a sair da boca de um dos militares e romper o silêncio da esperança de vida. Contudo, como ela não está em casa para ouvir a notícia, a morte de Ofer também fica suspensa. É por isso que o texto pode estar pronto e pode ser por ela esperado, mas se ela não estiver disposta ou disponível para recebê-lo, como realmente não está, ele não ganhará forma e, conseqüentemente, não será sua realidade. Portanto, mais uma vez fica evidente a relevância da linguagem, através da imagem verbal ou mesmo da ausência de palavras, pois enquanto a narrativa sobre a vida de Ofer garante o fôlego do qual precisa, a interrupção do anúncio de morte também exerce o papel de não concretização da tragédia pressentida.

Apesar de trabalhar o tema principal da perda através da fuga, o livro não privilegia o escapismo como forma de lidar com os problemas, embora essa atitude também exista bastante em Israel. Talvez seja justamente por isso que Grossman tenha decidido abordar a fuga, já que é uma reação humana natural que serve como medida protetiva. Uma vez que é tão difícil conviver com uma realidade violenta, intrusiva e ameaçadora, o escape acaba por ser uma forma de simplesmente sobreviver à ameaça. No entanto, no caso da protagonista do texto, escapar não é sinônimo de fraqueza. Ao contrário, escapar é mover-se; é fazer alguma coisa para não se deixar envolver pelo caos prestes a se instaurar. Fugir pode mexer com toda a dinâmica do anúncio da morte do filho e reverter a situação. A atitude de fugir parece ser um recurso de que Orah dispõe para mudar um destino já traçado.

É importante também pensar sobre a escolha de Grossman por uma personagem feminina para estar na linha de frente do texto. Talvez porque, embora haja certa generalização nisso, a mulher tenha algo de mais subversivo em si mesma e em suas atitudes. Isso explica ela ter ficado bastante perturbada com o fato de ter entregue seu filho ao Exército. Como ela pôde não ser leal ao seu principal papel de mãe de Ofer? Por isso, essa entrega não é feita em paz, como a entrega bíblica de Isaque por Abraão. Nesses termos, pode-se observar o quanto as posturas de Abraão e Orah são díspares. A entrega da mulher é uma entrega inconformada, incômoda e cheia de angústia, na qual todos esses fatores resultam na decisão pela fuga, ao passo que a entrega de Abraão aparentemente é mais submissa.

Muitas lacunas ficam por ser preenchidas ao término desse romance. Na verdade, textos lacunares são uma marca muito forte de Grossman, que acredita que o silêncio também tem muito a dizer. Dessa forma, a revelação, em sua obra, se constrói pelo não-dito, ou seja, pelo que fica em suspenso. Enfim, o silêncio em seus textos sempre se mostra capaz de comunicar.

Sobressaem no romance, portanto, inequívocas e singulares formas de resistência: a palavra, que enquanto *ánimus* é capaz de gerar o fôlego de vida necessário para proteger Ofer da morte; e a fuga, que considerada *a priori* um movimento contrário ao do enfrentamento de condições adversas, mostra-se na verdade uma atitude de recusa à inércia, uma reação que é antes de tudo não aceitar a “anunciação” de uma tragédia. Em suma, a palavra, ora converte-se em manifestação capaz de superar uma ausência, ora em

suspensão é também capaz de evitar o mal esperado; e, no mesmo sentido, a fuga não se projeta como atitude de passividade diante do problema, mas como tomada de decisão que intervém inequivocamente no cenário caótico do anúncio de morte.

### **Referências**

GROSSMAN, David. *A mulher foge*. Trad.: George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KRAUSZ, Luis S. Guerra e paz, por David Grossman. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Volume 1, n. 6 – março, 2010. Disponível em: [www3.ufmg.br/nej/maaravi/artigoluis-israel.html](http://www3.ufmg.br/nej/maaravi/artigoluis-israel.html). [Acesso em 11 de agosto de 2016].

ROZENCHAN, Nancy. E no lembraremos de todos. In: *Ensaio sobre literatura israelense contemporânea*. São Paulo: Humanitas, 2011.